

A INDISCIPLINA E A PARTICIPAÇÃO DOS PAIS NA ESCOLA: COMO A FAMÍLIA ADMINISTRA A TRANSGRESSÃO DE MENINOS E MENINAS NA ESCOLA

INDISCIPLINE AND PARENTAL PARTICIPATION IN SCHOOL: HOW FAMILIES MANAGE THE TRANSGRESSION OF BOYS AND GIRLS AT SCHOOL

INDISCIPLINA Y PARTICIPACIÓN DE LOS PADRES EN LA ESCUELA: CÓMO LA FAMILIA GESTIONA LA TRANSGRESIÓN DE NIÑOS Y NIÑAS EN LA ESCUELA

Suellen Nascimento dos Santos¹
Guilherme Milagres Viana²

RESUMO: A indisciplina escolar constitui uma problemática recorrente no cotidiano das instituições de ensino e envolve diferentes sujeitos, entre eles estudantes, profissionais da educação e famílias. Quando relacionada às questões de gênero, permite problematizar as expectativas socialmente construídas acerca dos comportamentos de meninos e meninas e as diferentes formas de responsabilização diante da transgressão das normas escolares. Este trabalho tem como objetivo compreender como as famílias administram situações de indisciplina envolvendo meninos e meninas no contexto escolar. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e exploratória, desenvolvida a partir de pesquisa bibliográfica e observação direta do cotidiano da gestão de uma escola pública estadual localizada no município de Ouro Preto (MG), especialmente em situações nas quais familiares eram chamados à instituição em decorrência de comportamentos considerados indisciplinados. A análise dialoga com estudos sobre indisciplina, gênero e processos de socialização. As observações indicaram diferenças nas respostas familiares, com maior tendência à defesa e à justificativa dos comportamentos dos meninos e maior repreensão e culpabilização das meninas. Os resultados sugerem que expectativas de gênero podem atravessar as práticas familiares de administração da indisciplina.

1

Palavras-chave: Indisciplina. Gênero. Família. Escola. Socialização.

ABSTRACT: School indiscipline is a recurring issue in educational institutions and involves different actors, including students, education professionals, and families. When related to gender issues, it allows for a discussion of socially constructed expectations regarding boys' and girls' behaviors and the different forms of accountability in response to the transgression of school rules. This study aims to understand how families manage situations of indiscipline involving boys and girls in the school context. It is a qualitative and exploratory study, based on bibliographic research and direct observation of the management routine of a public state school located in the city of Ouro Preto, Minas Gerais, Brazil, particularly in situations in which family members were called to the school due to behaviors considered undisciplined. The analysis draws on studies of indiscipline, gender, and socialization processes. The observations indicated differences in family responses, with a greater tendency to defend and justify boys' behaviors and greater reprimand and blaming of girls. The results suggest that gender expectations may influence family practices in managing indiscipline.

Keywords: Indiscipline. Gender. Family. School. Socialization.

¹Mestra em Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará.

²Mestrando em Educação, Universidade Federal de Ouro Preto.

RESUMEN: La indisciplina escolar constituye una problemática recurrente en las instituciones educativas y involucra a diferentes actores, entre ellos estudiantes, profesionales de la educación y familias. Cuando se relaciona con las cuestiones de género, permite problematizar las expectativas socialmente construidas sobre los comportamientos de niños y niñas y las diferentes formas de responsabilización ante la transgresión de las normas escolares. Este trabajo tiene como objetivo comprender cómo las familias gestionan situaciones de indisciplina que involucran a niños y niñas en el contexto escolar. Se trata de una investigación cualitativa y exploratoria, desarrollada a partir de una investigación bibliográfica y de la observación directa de la dinámica de gestión de una escuela pública estatal ubicada en la ciudad de Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil, especialmente en situaciones en las que familiares eran convocados a la institución debido a comportamientos considerados indisciplinados. El análisis dialoga con estudios sobre indisciplina, género y procesos de socialización. Las observaciones indicaron diferencias en las respuestas familiares, con una mayor tendencia a defender y justificar los comportamientos de los niños y una mayor reprensión y culpabilización de las niñas. Los resultados sugieren que las expectativas de género pueden influir en las prácticas familiares de gestión de la indisciplina.

Palabras clave: Indisciplina. Género. Família. Escuela. Socialización.

INTRODUÇÃO

A indisciplina constitui uma questão recorrente no cotidiano escolar e mobiliza diferentes sujeitos envolvidos nos processos educativos, especialmente professores, equipes gestoras e famílias. As situações relacionadas à transgressão de regras, à desobediência e a comportamentos considerados inadequados pela escola frequentemente resultam em intervenções pedagógicas e, em determinados casos, na convocação de pais, mães e responsáveis para o diálogo com a instituição. Entretanto, compreender a indisciplina exige considerar que os comportamentos dos estudantes não são interpretados de maneira neutra, uma vez que as expectativas sociais construídas em torno deles podem influenciar tanto a maneira como essas condutas são percebidas quanto as respostas produzidas diante delas.

Essa discussão ganha particular relevância quando articulada às relações de gênero. Historicamente, determinados comportamentos têm sido associados às expectativas sociais construídas para meninos e meninas, contribuindo para a produção de estereótipos que vinculam a masculinidade a características como agressividade, competitividade e maior propensão à transgressão, enquanto atribuem às meninas características relacionadas à docilidade, obediência e disciplina. Nesse sentido, estudos sobre indisciplina e gênero têm questionado a associação determinista entre masculinidade e transgressão escolar, ao mesmo tempo em que procuram compreender as mudanças nas formas pelas quais o comportamento de meninas é percebido no interior das instituições escolares. Silva e Pereira (2022) destacam

justamente a fragilidade dessa associação e apontam para o crescimento do interesse em investigar as transgressões protagonizadas por meninas, superando a compreensão de que a indisciplina seria predominantemente um fenômeno masculino.

É nesse contexto que a relação entre escola e família se apresenta como uma dimensão relevante para compreender a administração da indisciplina. A convocação dos responsáveis pela escola não representa apenas uma estratégia de intervenção diante de um comportamento considerado inadequado, mas também pode revelar concepções sobre o que se espera de meninos e meninas e sobre as responsabilidades atribuídas às famílias no processo de socialização. A observação do cotidiano da gestão de uma escola estadual do município de Ouro Preto possibilitou identificar situações em que familiares eram chamados a participar da mediação de conflitos e de episódios de indisciplina envolvendo estudantes de diferentes gêneros. Nesse processo, emergiu o interesse em compreender se as respostas das famílias diante dessas situações eram semelhantes ou se variavam de acordo com o fato de o estudante ser menino ou menina.

A partir dessa experiência empírica, formulou-se a seguinte questão: *como as famílias administram situações de indisciplina de meninos e meninas no contexto escolar e que diferenças podem ser observadas nas formas de reação e responsabilização diante dessas transgressões?* Parte-se da compreensão de que as relações de gênero são socialmente construídas e atravessam as expectativas atribuídas aos comportamentos masculinos e femininos, podendo influenciar as formas de disciplina e de responsabilização presentes tanto na escola quanto na família. Assim, este trabalho tem como objetivo analisar, a partir de uma breve pesquisa bibliográfica e da observação do cotidiano da gestão escolar, como a família administra situações de transgressão protagonizadas por meninos e meninas, buscando compreender possíveis diferenças nas formas de acolhimento, justificativa, responsabilização e sanção mobilizadas diante desses comportamentos.

MÉTODOS

Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa e exploratória, uma vez que busca compreender uma problemática presente no cotidiano escolar a partir da observação de situações concretas envolvendo indisciplina, família e relações de gênero. Além da observação do contexto investigado, foi realizada uma breve pesquisa bibliográfica, com o propósito de reunir produções relacionadas à indisciplina escolar, às relações de gênero e à participação das famílias

na escolarização, contribuindo para a construção dos conceitos mobilizados na análise e para a identificação de pesquisas anteriores sobre a temática.

A dimensão empírica da pesquisa foi realizada no período do segundo semestre letivo do ano de 2025 a partir da observação direta do cotidiano da gestão escolar de uma escola pública estadual localizada no município de Ouro Preto, Minas Gerais. O foco da observação esteve nas situações em que pais, mães e responsáveis eram convocados ou compareciam à instituição para dialogar com a equipe gestora em decorrência de comportamentos considerados indisciplinados envolvendo estudantes. Desse modo, buscou-se observar não apenas as situações que motivavam a presença das famílias na escola, mas também as formas de reação, justificativa, responsabilização e intervenção mobilizadas pelos responsáveis diante dos comportamentos apresentados pelos estudantes.

A instituição investigada está situada em uma região do município que atende estudantes oriundos de camadas populares e possui oferta diversificada de etapas e modalidades de ensino, abrangendo do 6º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio, além da Educação de Jovens e Adultos (EJA), do Ensino Médio Técnico em período integral e de cursos técnicos pós-médio. Esse contexto possibilitou o acompanhamento de diferentes situações relacionadas à relação entre escola e família, considerando estudantes de distintas faixas etárias e trajetórias escolares.

4

A análise apresentada neste trabalho possui caráter preliminar e não pretende estabelecer generalizações sobre as famílias ou sobre as formas de manifestação da indisciplina. O propósito é utilizar as situações observadas como elementos para refletir sobre a maneira como as relações de gênero podem atravessar a interpretação dos comportamentos dos estudantes e as respostas familiares diante das situações de transgressão escolar.

RESULTADOS

Por se tratar de uma análise preliminar, neste trabalho optou-se por elencar as categorias de indisciplinas com base na tabela de Silva e Pereira (2022) abaixo:

Tabela 1 - Percepções sobre a frequência com que meninas e meninos protagonizam comportamentos de indisciplina em sala de aula.

Comportamento	Gênero	N (%)	R (%)	F (%)	S (%)	NS (%)
Fazer barulho e desordem em sala	Meninas	4,8	19,7	50,3	19,0	6,1
	Meninos	1,4	12,2	44,2	34,0	8,2
Conversar em sala de aula	Meninas	1,4	18,4	46,3	25,9	8,2
	Meninos	0,0	10,9	51,0	32,7	5,4
Circular pela sala	Meninas	5,4	39,5	37,4	10,2	7,5
	Meninos	2,7	29,3	42,9	19,0	6,1
Sair de sala sem a permissão do/a professor/a	Meninas	32,7	47,6	8,2	4,8	6,8
	Meninos	23,8	39,5	19,7	9,5	7,5
Chegar atrasados/as em sala	Meninas	8,2	43,5	34,0	8,2	6,1
	Meninos	4,1	41,5	32,0	14,3	8,2
"Matar" aula	Meninas	52,7	21,2	2,7	0,7	22,6
	Meninos	45,6	23,1	7,5	0,0	23,8

Comportamento	Gênero	N (%)	R (%)	F (%)	S (%)	NS (%)
Distrair-se com objetos (celular, jogos, brinquedos, fones de ouvido, etc.)	Meninas	9,5	29,3	31,3	23,1	6,8
	Meninos	4,1	21,1	40,8	30,6	3,4
Não realizar as atividades indicadas	Meninas	0,7	9,5	49,0	32,0	8,8
	Meninos	0,7	11,6	51,0	28,6	8,2
Dedicar-se às atividades de outros/as professores/as	Meninas	9,5	34,7	30,6	10,9	14,3
	Meninos	7,5	29,3	36,7	10,9	15,6
Fazer brincadeiras, gozações ou debochar dos/as colegas	Meninas	12,2	32,0	25,2	19,7	10,9
	Meninos	6,1	19,7	30,6	37,4	6,1
Discutir verbalmente ou falar palavrões com os/as colegas	Meninas	10,2	29,9	26,5	27,2	6,1
	Meninos	7,5	21,1	27,9	38,1	5,4
Desobedecer às ordens do/a professor/a?	Meninas	17,7	41,5	21,1	4,8	15,0
	Meninos	10,2	32,7	30,6	13,6	12,9
Responder de forma mal-educada ao/à professor/a	Meninas	22,4	42,2	16,3	2,7	16,3
	Meninos	16,3	38,1	23,8	10,2	11,6
Fazer brincadeiras, gozações ou debochar do/a professor/a	Meninas	38,4	26,7	11,0	2,7	21,2
	Meninos	29,9	25,9	14,3	8,8	21,1

Fonte: SILVA, Luciano C. da.; PEREIRA, Edilaine A. dos S. Percepções sobre o comportamento de indisciplina de meninas e meninos na escola. Cadernos de Pesquisa, v. 52, p. e 07446, 2022.

A discussão sobre indisciplina escolar envolve diferentes formas de compreender os comportamentos considerados inadequados no contexto da escola. Neste trabalho, como se trata de uma análise preliminar, foram utilizadas como referência as categorias apresentadas por Silva e Pereira (2022), que investigaram as percepções de estudantes acerca da frequência com que meninas e meninos protagonizam diferentes comportamentos de indisciplina em sala de aula. Entre os comportamentos analisados estão fazer barulho e desordem, conversar durante as aulas, circular pela sala, sair sem autorização do professor ou da professora, chegar atrasado, “matar” aula, distrair-se com objetos como celulares e jogos, não realizar as atividades propostas, dedicar-se às atividades de outros professores, fazer brincadeiras ou deboches com colegas, discutir verbalmente ou utilizar palavrões, desobedecer às ordens docentes e responder de maneira considerada mal-educada aos professores.

Os dados apresentados por Silva e Pereira (2022) apontam uma percepção de maior frequência de comportamentos de indisciplina entre os meninos nas diferentes categorias analisadas. Entretanto, é necessário destacar que esses dados não devem ser interpretados como uma medida objetiva da ocorrência desses comportamentos, uma vez que se referem à percepção dos próprios estudantes acerca de sua frequência. Assim, os resultados são relevantes não apenas por indicarem uma associação entre determinados comportamentos e o gênero masculino, mas também por evidenciarem a permanência de determinadas representações sobre quem transgredir as normas escolares com maior frequência.

Para a presente pesquisa, não foi realizada investigação quantitativa que permitisse identificar as percepções dos estudantes da escola observada sobre a frequência dos comportamentos de indisciplina. Dessa maneira, as categorias apresentadas por Silva e Pereira (2022) são utilizadas como referência para organizar e compreender as situações que motivaram o acionamento de pais, mães e responsáveis no contexto investigado. Observou-se que muitos dos comportamentos que apareciam como motivo para a presença das famílias na escola se aproximavam das categorias discutidas pelos autores, embora este trabalho não tenha como objetivo estabelecer uma comparação quantitativa entre os dois contextos.

Além da percepção dos estudantes, a compreensão da indisciplina também pode ser analisada a partir da perspectiva dos profissionais da escola. Moreira e Santos (2002) identificam, nas falas dos profissionais investigados, uma compreensão da indisciplina associada à oposição às regras e às normas institucionais, bem como à ideia de falta de limites

dos adolescentes. Os autores destacam que essa perspectiva tende a compreender a indisciplina de maneira restritiva, como extrapolação dos limites estabelecidos pela escola (MOREIRA; SANTOS, 2002). Nesse sentido, a definição do que constitui um comportamento indisciplinado não envolve apenas a ação do estudante, mas também as normas e expectativas estabelecidas pela própria instituição escolar.

No contexto observado nesta pesquisa, o acionamento das famílias ocorre após uma sequência de encaminhamentos institucionais. Diante de uma situação de indisciplina, o professor ou a professora pode registrar a ocorrência ou, mais frequentemente, encaminhar o estudante para uma conversa com a coordenação pedagógica. Quando a situação se repete ou não é solucionada, o caso pode ser encaminhado à direção, que realiza o registro formal e conversa com o estudante. Somente posteriormente, quando se entende que as intervenções realizadas pela escola não foram suficientes, pais, mães ou responsáveis são chamados para dialogar com a gestão.

Esse percurso é relevante para compreender o objeto desta pesquisa, pois a presença da família na escola não ocorre necessariamente diante de qualquer comportamento considerado inadequado. Ela surge após uma sucessão de intervenções e passa a constituir uma etapa da administração institucional da indisciplina. É justamente nesse momento que se torna possível observar como os responsáveis interpretam as ações dos estudantes, como atribuem responsabilidades e quais formas de reação e sanção são mobilizadas diante de meninos e meninas. Assim, a participação da família deixa de ser compreendida apenas como uma resposta ao comportamento do estudante e passa a ser analisada também como uma prática de socialização atravessada por expectativas de gênero.

Portanto, mais do que identificar quem é mais ou menos indisciplinado, interessa compreender como determinados comportamentos são interpretados e administrados pelos diferentes sujeitos envolvidos. Essa perspectiva permite deslocar a discussão de uma explicação centrada exclusivamente no estudante para uma análise das relações entre escola, família e gênero na produção de respostas diante da transgressão escolar.

DISCUSSÃO

A compreensão das diferenças estabelecidas entre meninos e meninas exige considerar que os comportamentos atribuídos a homens e mulheres não podem ser explicados exclusivamente por características biológicas. No campo das ciências sociais, a distinção entre

sexo e gênero permite compreender que, embora o sexo esteja relacionado a características biológicas, as expectativas acerca de como homens e mulheres devem agir são socialmente construídas e compartilhadas em diferentes contextos culturais. Dessa forma, aquilo que é considerado um comportamento adequado ou esperado para meninos e meninas está relacionado às normas, valores e representações produzidos socialmente.

A contribuição de Margareth Mead é relevante para essa discussão. Em *Sexo e temperamento*, a autora analisou diferentes grupos da Nova Guiné, os Arapesh, os Mundugumor e os Tchambuli, e identificou distintas formas de organização dos comportamentos e dos papéis atribuídos a homens e mulheres. Entre os Tchambuli, por exemplo, Mead descreveu uma organização em que determinadas características consideradas socialmente femininas e masculinas no contexto ocidental apareciam distribuídas de maneira diferente entre os sexos. Entre os Mundugumor, identificou comportamentos considerados mais agressivos entre homens e mulheres, enquanto entre os Arapesh predominavam características associadas à cooperação e à maior pacificidade.

A partir dessas diferenças, a autora problematizou a ideia de que determinados comportamentos seriam naturalmente próprios de homens ou de mulheres, evidenciando a importância da cultura na constituição dos papéis sociais atribuídos aos sexos.

Essa compreensão também permite refletir sobre a maneira como os papéis de gênero são reproduzidos no interior das instituições sociais. Blankenheim, Menegotto e Silva (2022), ao investigarem narrativas de professoras de educação infantil sobre homossexualidade e homoparentalidade, identificaram concepções nas quais os papéis feminino e masculino aparecem fortemente vinculados ao sexo biológico. As autoras chamam atenção para a ideia de que a existência de referências familiares femininas e masculinas estaria necessariamente associada à presença de uma mãe mulher e de um pai homem. Embora a investigação das autoras esteja voltada para as concepções de professoras acerca das famílias homoafetivas, essa discussão contribui para pensar como determinadas representações sociais podem produzir formas mais rígidas de compreender o feminino e o masculino (BLANKENHEIM; MENEGOTTO; SILVA, 2022).

No contexto escolar, essas expectativas podem aparecer na forma como determinados comportamentos são interpretados e avaliados. Meninos podem ser associados à competitividade, à agressividade ou à maior disposição para o enfrentamento das regras, enquanto meninas podem ser relacionadas à docilidade, à organização, ao interesse pelos

estudos e à obediência. Tais expectativas não significam que todos os meninos ou todas as meninas se comportem dessa maneira, mas indicam a existência de modelos sociais que podem influenciar a maneira como suas condutas são percebidas pelos adultos.

A família também participa desse processo de construção e reprodução das expectativas de gênero. A partir da observação do cotidiano da gestão escolar realizada neste estudo, foi possível perceber diferenças nas formas de acolhimento e reação dos responsáveis quando convocados para conversar sobre situações de indisciplina envolvendo seus filhos e filhas. No caso dos meninos, observou-se, de maneira predominante, uma postura de defesa do comportamento apresentado, acompanhada de tentativas de justificá-lo ou de atribuir parte da responsabilidade a outros estudantes.

Em uma das situações observadas, inclusive, a masculinidade foi mobilizada como justificativa para um episódio de violência, associado à ideia de defesa da honra da irmã do estudante envolvido. Nesse caso, a justificativa relacionada ao papel masculino de proteção e defesa foi apresentada como elemento explicativo para a conduta do estudante e acabou sendo parcialmente reforçada pelo diretor da escola. Esse episódio é particularmente relevante para a análise porque evidencia como determinadas expectativas relacionadas à masculinidade podem ser utilizadas para interpretar ou legitimar comportamentos que, em outras circunstâncias, poderiam ser compreendidos exclusivamente como transgressões das normas escolares.

9

Em relação às meninas, foram observadas respostas diferentes por parte dos responsáveis. Nos casos acompanhados, predominou uma postura de repreensão direta diante dos gestores, com manifestações de culpabilização das estudantes, repreensões verbais e autorização para que a escola realizasse as intervenções consideradas necessárias. Diferentemente das situações envolvendo os meninos, foram menos frequentes as tentativas de justificar o comportamento ou de atribuir a responsabilidade pela ocorrência a terceiros.

Essas observações não permitem afirmar que todas as famílias estabelecem diferenças de tratamento entre filhos e filhas, tampouco que os comportamentos identificados sejam generalizáveis para outros contextos. Entretanto, elas permitem levantar a hipótese de que as expectativas de gênero participam da maneira como determinados comportamentos são interpretados e administrados no contexto familiar. A diferença observada entre a defesa e a justificativa dos comportamentos dos meninos e a maior culpabilização das meninas pode indicar que as expectativas sociais em torno da masculinidade e da feminilidade também atravessam as práticas disciplinares das famílias.

Nesse sentido, a participação familiar na escola não deve ser compreendida apenas como uma resposta às demandas institucionais diante da indisciplina. O comparecimento dos responsáveis à escola também pode ser entendido como parte de um processo de socialização no qual se reafirmam expectativas acerca de como meninos e meninas devem agir. Quando determinados comportamentos são relativizados ou justificados para os meninos e mais severamente repreendidos quando protagonizados por meninas, produz-se uma forma diferenciada de responsabilização, que pode estar relacionada aos papéis de gênero socialmente construídos.

Outro aspecto observado foi a disponibilidade das famílias em comparecer à escola e participar da mediação dos conflitos. Esse envolvimento demonstra que, mesmo diante de situações de indisciplina, a escolarização permanece como uma preocupação para as famílias investigadas. Essa percepção dialoga com Silva (2025), que, ao estudar famílias de camadas populares em uma escola de Mariana, destaca que essas famílias desenvolvem estratégias educativas e valorizam a escolarização dos filhos, buscando enfrentar situações que possam contribuir para o fracasso escolar.

Desse modo, a relação entre família, gênero e escola parece envolver, simultaneamente, uma preocupação com a permanência e o sucesso escolar e diferentes expectativas quanto ao comportamento de meninos e meninas. Embora a escolarização seja valorizada como possibilidade de melhores condições de vida e de ampliação das perspectivas para as novas gerações, as observações realizadas sugerem que as cobranças relacionadas à disciplina, ao compromisso com os estudos, à obediência e à docilidade podem ser distribuídas de maneira diferenciada entre filhos e filhas.

A análise desenvolvida, portanto, não permite concluir que meninas sejam mais ou menos indisciplinadas que meninos. O que se evidencia é a possibilidade de que a mesma situação de transgressão seja interpretada e administrada de maneiras distintas conforme o gênero do estudante. A questão central passa, assim, da identificação de quem transgredir com maior frequência para a compreensão de como família e escola produzem diferentes respostas diante da transgressão de meninos e meninas.

CONCLUSÃO

Muitos autores ao pesquisarem sobre indisciplina restringe a questão de sucesso ou fracasso escolar, pouco se pesquisa a relação indisciplina e gênero, e nem a relação deste último

com a expectativa das famílias sobre os comportamentos dos meninos e meninas na escola. Mas observando as mudanças sociais que ocorrem e partindo da análise de autores como Moreira e Santos (2002) que no início dos anos 2000 já apresentava dados sobre a diferença de sanções para meninos e meninas, e Silva que analisou indisciplina e gênero, fica registrada a relevância de olhar para as sanções que as famílias também aplicam a partir da socialização de gênero e como elas lidam com dinâmica da indisciplina de acordo com o gênero do estudante pelo qual é responsável.

Durante a observação pode-se perceber que a maior parte de alunos encaminhados à direção era composta por meninos. Entre as transgressões de grande incidência estavam fazer barulho e desordem na sala, sair de sala sem permissão, “matar aula”, uso do celular, debochar dos colegas, debochar do professor, discutir verbalmente com colegas. Sobre casos de violência física, houve o registro de apenas uma situação durante o segundo semestre letivo de 2025, sendo esse conflito também entre o gênero masculino. Quanto às meninas, as principais ocorrências estavam relacionadas a sair de sala, debochar dos colegas, discutir verbalmente com as colegas e conversas em sala. Esses dados se mostram em consonância com as informações coletadas e apresentadas na tabela 1 “Percepções sobre a frequência com que meninas e meninos protagonizam comportamentos de indisciplina em sala de aula.” protagonizam comportamentos de indisciplina em sala de aula.

11

Cabe ressaltar que embora os comportamentos registrados apresentassem algumas semelhanças entre os gêneros, a observação permitiu identificar diferenças significativas na percepção e condução dessas ocorrências pela escola e pelas famílias. Todos os responsáveis acionados para a reunião sobre comportamento dos estudantes compareceram e mostraram disponibilidade ao diálogo com a escola. Todavia, a forma de tratamento direcionada aos meninos se destacava no afeto, pela ponderação das palavras, justificativas e busca por maior compreensão do comportamento. Entretanto, nos casos de ocorrências envolvendo meninas, a abordagem familiar assumia um caráter mais punitivo. Durante as reuniões observou-se manifestações de choro, frustrações, tentativa de agressão, relatos sobre a dificuldade de cuidar de adolescentes e desejos de desistências desses cuidados.

Essas observações permitem problematizar a frequência das transgressões escolares segundo o gênero e também as diferentes maneiras pelos quais meninos e meninas são socialmente percebidos e responsabilizados por seus comportamentos. Enquanto os meninos parecem ser mais frequentemente compreendidos a partir de uma perspectiva de tolerância,

afeto e negociação, as meninas são submetidas a expectativas de maior controle, disciplina e adequação comportamental. Deste modo, os registros observados sugerem que as relações escolares e familiares não são atravessadas apenas pelos comportamentos dos estudantes, mas também por perspectivas e normas de gênero que influenciam o modo como essas condutas são interpretadas, mediadas e punidas.

REFERÊNCIAS

BLANKENHEIM, Thais; MENEGOTTO, Lisiane M. O.; SILVA, Denise R. Q. da. A homossexualidade e a homoparentalidade em cena: narrativas de professoras de educação infantil. *Psicologia Em Estudo*, 27, 2022.

MEAD, Margareth. *Sexo e temperamento*. 4ª edição. S. Paulo, 2000.

MOREIRA, M. F. S., & SANTOS, L. P. (2002). Indisciplina na escola: Uma questão de gênero? *Educação em Revista*, (3), 141-160.

SILVA, Luciano C. da.; PEREIRA, Edilaine A. dos S. Percepções sobre o comportamento de indisciplina de meninos e meninas na escola. *Cadernos de Pesquisa*, v. 52, p. e 07446, 2022.

SILVA, Thayná de Carvalho. *Práticas educativas de avós de camadas populares e envolvimento na escolarização dos netos: perspectivas de famílias e escolas de Mariana (MG)*. 2025. 194 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2025.